

Ensaio breve sobre um Turismo Insustentável

Brief assay on an Unsustainable Tourism

Silvana Pirillo Ramos¹

RESUMO: Este trabalho pretende compreender as representações sociais que bacharéis em Turismo na Região Nordeste do Brasil, recém-egressos de seus cursos, apresentam com relação ao conceito de turismo sustentável e sua tradução nas práticas cotidianas. Para realização das entrevistas foi escolhido um grupo de alunos oriundos de duas faculdades da rede privada em Maceió, Estado de Alagoas, e foi utilizada a metodologia de “análise do discurso do sujeito coletivo” proposta por Fernando Lefèvre. A discussão aqui apresentada aponta para uma

¹ Mestre em Política e Dra. em Sociologia pela PUC-SP. Profa. do Departamento de Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Autora do livro *Hospitalidade e migrações internacionais*.

reflexão da prática do bacharel em Turismo e da própria constituição das bases e princípios do ensino do Turismo na academia.

PALAVRAS-CHAVE: Turismo Sustentável; planejamento turístico; formação em turismo; representações sociais.

ABSTRACT: This study intends to understand the social representations of recent graduates on tourism in the Northeast Region of Brazil, who have just gotten their degrees, present with respect to the concept of sustainable tourism and its translation into daily practices. In order to undertake the interviews, a group of students from two private colleges in Maceió, State of Alagoas, was selected and the methodology of “discourse analysis of collective subject” proposed by Fernando Lefèvre, was used. The discussion presented here points out to a reflection on the practice of bachelor graduated in tourism and on the constitution, itself, of the basis and principles of the teaching of tourism within academy.

KEY WORDS: Sustainable Tourism; tourism planning; tourism graduation; social representations.

1. Apresentando um conceito de sustentabilidade

No hay que subordinar más el desarrollo humano al desarrollo económico; debemos invertir esto y subordinar el desarrollo económico al desarrollo humano. Esse, me parece, es el papel ético fundamental. No debemos ser simples objetos en este Titanic sin piloto, sino que debemos cambiar y ser sujetos de la aventura humana.

(MORIN, 2002, p. 14)

O conceito de desenvolvimento sustentável entra em cena como a revelação da crise do paradigma desenvolvimentista americano que conduziu os países de Terceiro Mundo a um significativo empobrecimento, com o aumento da desigualdade social, e ao esgotamento de recursos naturais em função das explorações desmedidas. Dessa forma, os ditos países de Primeiro Mundo começaram a se sentir ameaçados em sua expansão justamente pela limitação da produção em decorrência de um esgotamento natural de recursos e matérias-primas.

Um dos primeiros artigos a comentar abertamente sobre o conceito de desenvolvimento social sustentável foi o *World Conservation Strategy*, publicado em 1980 pela *International Union for the Conservation of Nature and Natural Resources*. Posteriormente, em 1987, a *World Commission on Environment and Development* publicou “Nosso Futuro Comum”, conhecido também como Relatório Brundtland, cujo conteúdo se constituía por um panorama da situação ambiental do planeta e clamava por preservação.

O Relatório Brundtland (CMMAD, 1991, p. 46) define, pela primeira vez, o desenvolvimento sustentável como:

Aquele que atende às necessidades do presente sem comprometer a possibilidade de as gerações futuras atenderem às suas próprias necessidades. Ele contém dois conceitos-chave: o conceito de “necessidades”, sobretudo as necessidades essenciais dos pobres no mundo, que devem receber a máxima prioridade; a noção das limitações que o estágio da tecnologia e da organização social impõem ao meio ambiente, impedindo-o de atender às necessidades presentes e futuras.

O controle sobre os recursos naturais é o elemento que redefine a teia de relações entre os países na globalização, ameaçando os mais pobres de permanecerem estagnados em nome da preservação ambiental. O direito à vida, à liberdade, ao reconhecimento social, embora fizessem parte das preocupações relatadas nos documentos, ficam relegados a segundo plano ou disseminados no discurso ecológico.

A excessiva importância atribuída ao turismo como estratégia para a promoção do desenvolvimento social sustentável, assim como utilização indevida da exploração do turismo em determinadas localidades como sinônimo de desenvolvimento econômico desvinculado com o compromisso do desenvolvimento humano, revela a necessidade de compreensão de como os sujeitos construtores dos discursos nos bancos acadêmicos estão representando, reelaborando ou simplesmente reproduzindo conceitos.

O desenvolvimento do turismo, por sua vez, começa a ter seu conceito atrelado ao de uma das estratégias extremamente significativas para a promoção do

desenvolvimento social sustentável apenas a partir da década de 1990, sendo que as discussões acadêmicas se constituíram em fatores fundamentais para a ocorrência e a efetivação dessa relação.

Em 1990, um encontro de pesquisadores em Turismo realizado em Vancouver, no Canadá, trouxe algumas conclusões que apontam para a definição do que seria, segundo a OMT, o assim denominado turismo sustentável:

Antes de dar início a qualquer projeto turístico, devem ser efetuadas análises econômicas, sociais e ambientais, dando uma especial atenção aos diversos tipos de desenvolvimento do turismo às formas de vida e questões ambientais; as organizações empresas, grupos e indivíduos devem seguir princípios éticos e outros que respeitem a cultura ao ambiente da área anfitriã, o modo de vida e o comportamento tradicional da comunidade, os padrões de liderança e política; o turismo deve ser planejado e gerido de forma sustentável, tendo em conta a proteção e utilização econômica adequada ao ambiente natural e humano das áreas anfitriãs; durante toda as fases do desenvolvimento e operação do turismo deve ser preparado um programa de avaliação, supervisão e medição cuidadoso que possa permitir à população local tirar partido das oportunidades ou adaptar-se às alterações.

(WTO, 1993, p. 51)

O que se pode observar é que o conceito turismo sustentável, assim como o de desenvolvimento sustentável, quando se traduz em ações práticas apresenta uma redução à preocupação com questões ambientais e recursos naturais, como se o homem não fosse parte dessa cadeia de relações, e os impactos causados pelo turismo não incidissem diretamente sobre a sociedade, modificando seus hábitos e sua cultura. Segundo Beni (2004):

O turismo sustentável, em sua vasta e complexa abrangência, envolve a compreensão dos impactos turísticos, distribuição justa de custos e benefícios, geração de empregos locais diretos e indiretos; fomento de negócios lucrativos; injeção de capital com conseqüente diversificação da economia local; interação com todos os setores e segmentos da sociedade; desenvolvimento estratégico e logístico de modais de transporte, encorajamento do uso produtivo de terras tidas como marginais (turismo no espaço rural), subvenção para custos de conservação.

Atualmente, essa complexidade do fenômeno turístico não tem ultrapassado o campo do discurso, nem mesmo nas práticas da própria Organização Mundial do Turismo, que em seus eventos e encontros costuma reduzir o discurso da sustentabilidade ao “enriquecimento” das comunidades receptoras de turistas, sem necessariamente dimensionar os custos desse enriquecimento.

Na sociedade capitalista, o paradigma de desenvolvimento, embora se denomine como sustentável, ainda tem seu modelo atrelado ao desenvolvimento econômico como se ele fosse o sinônimo da qualidade de vida. Há uma dificuldade de compreensão do que significa qualidade de vida e até mesmo de seleção de indicadores de bem-estar que direcionem os planos de desenvolvimento turístico. Para Leu (2003, p. 279):

a sustentabilidade tornou-se uma provocação negativa, o rótulo para uma cultura da desonestidade, a representação máxima da adulação. Todos os discursos, todos os artigos, todos os pronunciamentos de políticos e profissionais de turismo repetem essa palavra de forma incansável — embora, infelizmente, em desacordo com seu significado e conteúdos reais. Serve como uma máscara para dissimular a obsessão contínua e dominante com o crescimento quantitativo...

São, dessa forma, apontados os bacharéis em turismo, profissionais egressos dos bancos acadêmicos, potenciais pesquisadores, como perpetuadores desse discurso vazio, principalmente pela dificuldade de eles incorporarem o conhecimento produzido na universidade nas práticas de planejamento².

O profissional de turismo, embora atue em uma realidade complexa que demanda a capacidade de análise e compreensão holística, apresenta uma visão fragmentada da realidade, tendo dificuldades para compreender que o desenvolvimento sustentável implica uma cadeia interdependente que envolve a ampliação da capacidade humana, o meio ambiente e a qualidade de vida.

Essa problemática se deve principalmente à ausência de um embasamento teórico condizente com a complexidade da atividade turística, conseqüência da já apontada carência de

² Cf. DENCKER, A. A abordagem científica em hospitalidade. In: DENCKER, A.; BUENO, M. S. *Hospitalidade, cenários e oportunidades*. São Paulo: Thompson, 2004.

profissionais qualificados com a formação interdisciplinar imprescindível para a área. Essa atividade continua desintegrada das demais atividades econômicas e ainda marcada pela existência de um discurso pouco diferenciado, centrado, sobretudo, no desempenho econômico propiciado pela atividade.

(SOARES DO BEM, 2005, p. 48)

Os cursos de Turismo se constituem, atualmente, como os mais procurados do país, com alto índice de candidatos por vaga nos vestibulares das universidades públicas. Vale ressaltar, ainda, que o turismólogo é considerado como o “profissional do futuro”, tendo em vista que, segundo a OMT, atualmente 7% da força de trabalho mundial está ocupada com atividades de viagens e de turismo, e esse número tende a triplicar até 2020.

O bacharel, segundo a Associação Brasileira dos Bacharéis em Turismo – ABBTUR atua no planejamento e desenvolvimento do turismo, realizando estudos de viabilidade econômica e técnica, avaliando o aproveitamento de recursos naturais e culturais, desenvolve e comercializa produtos turísticos, elabora planos de *marketing*, ou seja, acumula funções que demandam conhecimentos multidisciplinares³.

Diante do cenário apresentado, é de fundamental importância compreender como os bacharéis em Turismo, agentes aos quais atribui-se a capacidade de promover o turismo sustentável, pensam a tradução desse conceito nas práticas cotidianas. É evidente que a análise das representações sobre o desenvolvimento social sustentável desses profissionais de turismo culminará em uma reflexão sobre o próprio compromisso social da academia. Segundo Xavier (2003, p. 275):

São complexos os problemas que a educação e a formação profissional de Turismo tem para enfrentar. Diante de toda essa complexidade, o Turismo vai exigir muitas reflexões

³ Segundo o Código de Ética da Associação dos Bacharéis em Turismo – ABBTUR no Artigo 9º: “Entendendo turismo sustentável como modelo de desenvolvimento da atividade turística, caracterizando-se pelo aproveitamento racional de recursos naturais e culturais, o bacharel em Turismo deverá: planejar o uso adequado das áreas naturais, no desenvolvimento da atividade turística; criar roteiros e produtos adequados à legislação ambiental em vigor; respeitar a comunidade receptora, contribuindo diretamente para a melhor absorção social dos benefícios proporcionados pela atividade turística; no planejamento e organização dos produtos e roteiros, estabelecer, como premissa básica, o respeito e a defesa da integridade dos bens naturais e culturais da comunidade receptora”.

por parte da direção dos cursos, envolvendo tanto os programas de ensino como os de pesquisa e de extensão universitária.

A intenção é de promover aquilo que Morin denomina o conhecimento do próprio ato de conhecer, a auto-reflexão da prática e da relação com a teoria tanto para o profissional como para a academia. Morin (2003) considera que “reconhecer a cegueira do conhecimento, seus erros e ilusões, é assumir o ato de conhecer como um traduzir e não como uma foto correta da realidade”⁴.

1.1 Metodologia da pesquisa

Prometo, como bacharel em Turismo, dedicar-me à pesquisa ao desenvolvimento sustentável do turismo, empenhar-me pelo engrandecimento do fenômeno turístico, no Brasil e no mundo; preservar o turismo como instrumento de paz, bem-estar e entendimento entre os povos; e zelar pelos valores éticos da profissão.

(Associação Brasileira dos Bacharéis em Turismo – Juramento do Profissional)

Esta pesquisa tenta apreender as representações sociais que bacharéis de Turismo, egressos de duas faculdades da rede privada em Maceió, Estado de Alagoas, revelam sobre o Turismo Sustentável. A escolha desse estado da Região Nordeste se deve ao fato de ele possuir patrimônios históricos e atrativos naturais que lhe atribuem vocação turística e ser uma área de crescentes investimentos em turismo. Um Estado no qual a idéia de que a principal via para o desenvolvimento econômico advém do turismo, e esse discurso está presente na mídia e no cotidiano.

As faculdades, por uma questão ética, serão designadas na pesquisa como Faculdade A e Faculdade B, apresentando, ambas, grade curricular, missão e perfil do egresso semelhantes. Sendo o perfil desejado o de um profissional com ampla formação humanística, visão global, espírito de liderança, que acompanhe as mudanças no cenário global, que saiba promover o desenvolvimento do turismo comprometido com a sustentabilidade, levando ao progresso e à elevação das condições econômicas das comunidades.

⁴ Cf. SÁTIRO, Angélica. O pensamento complexo de Edgar Morin e sua ecologia da ação (Entrevista com Edgar Morin), Universidade de Girona, Espanha, 2003. Disponível em: <www.edgarmorin.sescsp.org.br>. Acesso em: 12 jun. 2005.

O principal objetivo consiste em compreender como agentes que deveriam ser preparados para a execução das práticas de planejamento e atuação atreladas à sustentabilidade concebem proposta de desenvolvimento social sustentável, excessivamente presente nos documentos e nos discursos governamentais, partidários e na própria universidade, disseminada na proposta curricular e em sua extensão.

Tendo em vista as habilidades e competências exigidas e o papel outorgado a esses profissionais de turismo como os gestores dos planejamentos, responsáveis por avaliações de impacto ambiental, planos de desenvolvimento, estudos de viabilidade econômica, elaboração de planos de *marketing* e comunicação, gestão em recursos humanos, entre outras atividades comprometedoras do desenvolvimento social, esse trabalho pretende também se apresentar como uma reflexão sobre as possíveis razões da dificuldade que as atividades relacionadas ao turismo têm para representar uma proposta atrelada à sustentabilidade, trazendo, muitas vezes, grandes prejuízos a população local, gerando empregos que não podem absorver a mão-de-obra ou então sazonais, estimulando a prostituição, conduzindo à especulação imobiliária e à degradação do meio ambiente.

As representações sociais são definidas, segundo Minayo (2000), como categorias de pensamento, de ação e de sentimentos que expressam a realidade, explicando, justificando, e questionando-a. Elas não são simplesmente construídas pela influência do meio ou da realidade, mas contêm o próprio sujeito que as exprime como seu agente de construção.

Para Jodelet (1989), as pessoas são, ao mesmo tempo, estruturadoras das representações e estruturadas por elas. Em outras palavras, como seres pensantes ou “teóricos do senso comum”, geram e são gerados pelo seu meio ambiente ideológico, com o qual interagem dialeticamente na medida em que o dito ambiente é, ao mesmo tempo, externo e interno, as representações sociais têm por função ancorar os eventos da vida cotidiana em discursos, justificativas e teorias que permitem que eles adquiram um sentido.

O estudo das representações sociais é um instrumento, portanto, para a compreensão e a construção de uma crítica do cotidiano, e principalmente para apre-

ensão da complexa teia de significados que compõe o discurso. Apreender essa complexidade é uma necessidade do sujeito para que ele possa dimensionar sua própria alienação, sua capacidade de assimilar, aceitar e reproduzir idéias e conceitos como se esses fossem por ele mesmo construídos, negando muitas vezes as possibilidades de transformação.

Um dos caminhos para a apreensão dessas representações é por meio, justamente, da análise dos discursos e da tentativa de construção do “discurso do sujeito coletivo” (DSC). Para tanto, a pesquisa se utiliza da proposta metodológica de Lefèvre e Lefèvre (2000)⁵ de análise qualitativa a partir de quatro figuras presentes nos discursos, sendo elas a “ancoragem”, a “idéia central”, as “expressões-chave” e o “discurso do sujeito coletivo”.

A “ancoragem” é a busca no discurso de traços lingüísticos explícitos, de teorias, hipóteses, conceitos, concepções ideológicas existentes na sociedade e na cultura e que estejam internalizadas no indivíduo. Segundo Lefèvre e Lefèvre (2003), o Discurso do Sujeito Coletivo é uma estratégia metodológica com vistas a tornar mais clara uma dada representação social e o conjunto das representações que conforma um dado imaginário. Para efetivar essa análise é necessário localizar também as idéias centrais e as expressões-chave. Trata-se da tentativa de “desmontar” o discurso individual e montar o discurso de um determinado grupo atrelado ao social.

O instrumento de campo mais adequado para essa análise qualitativa é a elaboração de um roteiro de entrevista semi-estruturado. Os entrevistados foram convidados, portanto, para discussões livres sobre temas que compõem o conceito de desenvolvimento social sustentável e sua relação com o turismo (o papel do turismo/o compromisso social/meio ambiente/cultura e comunidade local/geração de emprego e renda/megaempreendimentos turísticos/*marketing* e

⁵ O DSC foi desenvolvido no final da década de 1990 por pesquisadores da USP no Departamento de Saúde Pública. Desde a consolidação da técnica, até o momento, já foram apresentados ou encontram-se em processo de elaboração em torno de uma centena de trabalhos, entre projetos de pesquisa, dissertações de mestrado, teses de doutorado, avaliações de serviços, de cursos, de processos etc., nas quais se aplicou a metodologia do DSC. Recentemente, o método foi aplicado numa pesquisa quali-quantitativa patrocinada pela representação Argentina da Organização Mundial de Saúde. Cf. Banco de dados sobre trabalhos com o DSC. Disponível em <www.fsp.usp.br/quali-saude>. Acesso em: 4 set. 2005.

promoção das localidades/educação e capacitação da mão-de-obra/pesquisa científica/o profissional de turismo).

A pesquisa foi realizada no início de 2005, tendo-se o cuidado de selecionar apenas egressos que tivessem no mínimo um ano de atuação no mercado de trabalho de turismo. Foram obtidas 26 entrevistas, 12 com egressos da Faculdade A e 14 com os da Faculdade B⁶.

Por outro lado, o que se relata aqui, pelas próprias limitações da produção de um artigo, são apenas sínteses de algumas idéias centrais apreendidas a partir de palavras-chave que foram minuciosamente retiradas dos discursos e reproduzidas atreladas aos principais temas propostos para o relato.

1.2 Tecendo o discurso coletivo: as representações da sustentabilidade

1.2.1 O Turismo Sustentável consiste na preservação da natureza

O compromisso do profissional de Turismo com a sustentabilidade se apresenta basicamente pela preocupação ecológica. É necessário muito cuidado com espécies em extinção. Os rios e as praias estão permanentemente ameaçados pela poluição e pela falta de educação de turistas e moradores que jogam lixo. Há uma obrigação para com as gerações futuras de preservar o planeta para garantir a vida.

A concepção apresentada é a de que o turismo depende, em sua essência, das belezas naturais, e se elas forem destruídas a atividade econômica não se sustentará. O turista dos grandes centros urbanos foge do estresse cotidiano e busca um contato com a natureza, sendo ela a grande riqueza que o Nordeste brasileiro não pode perder.

1.2.2 Planejamento participativo é mito

Há boas intenções na idéia do planejamento participativo, mas ela não é adequada à realidade brasileira, e muito menos a do Nordeste do país. As comunidades locais são de origem humilde, com muitos analfabetos. A população, quando

⁶ A Faculdade A possuía ao total 28 egressos e Faculdade B, 34. É importante observar que não se pretende uma amostragem representativa, uma vez que a abordagem qualitativa preocupa-se mais com uma reflexão aprofundada sobre os discursos que propriamente com o número de entrevistas obtidas.

chamada para participar do planejamento municipal, não apresenta a mínima noção do que significa o turismo e das conseqüências que as diferentes práticas atreladas ao seu desenvolvimento podem trazer para a comunidade. Suas decisões são facilmente manipuladas pelos grupos de interesses locais, empresários e os próprios governantes.

A idéia é a de que participar não se aprende participando. É preciso uma base educacional para compreender o que é planejamento, seus efeitos na sociedade ou para minimamente entender como o turismo interfere no dia-a-dia da comunidade. Não dá para falar em participação com populações que trocam votos por cesta básica. Até o próprio bacharel em Turismo tem dificuldade de participar porque não tem base para isso. Falta informação e formação.

1.2.3 Turismo não gera emprego, gera exploração

Há a negação da idéia de que o turismo gera empregos. Na realidade, acredita-se que empreendimentos turísticos se instalam nas comunidades para gerar oportunidades de trabalho para a população local, mas essa população, geralmente carente, analfabeta e proveniente da pesca ou da lavoura, não consegue se adaptar ao perfil do funcionário desejado.

Diante da dificuldade apresentada, eles começam a recrutar estagiários em Turismo para fazer de “verdadeiros escravos”, sem direito algum, e que acabam trabalhando no empreendimento por obrigatoriedade da academia e porque, em geral, acreditam na história de que para se tornar gestor é necessário conhecer todas as etapas do processo; e isso se traduz até por fazer trabalhos meramente operacionais.

Esses empreendimentos, geralmente, trazem seus gestores de fora da comunidade, e quando alguém do local consegue o cargo almejado o salário é sempre muito baixo e a responsabilidade muito grande. Muitos contratos são sazonais, e o sujeito fica integralmente à disposição do hotel, tendo jornadas absurdas de trabalho.

1.2.4 O bacharel em Turismo não é um agente do desenvolvimento social sustentável

Os bacharéis em Turismo, para conceberem e/ou desenvolverem um produto turístico com qualidade, necessitam de toda uma infra-estrutura que depende das

políticas públicas. Sem essa infra-estrutura, o turismo não apresenta condições de competitividade.

Não há um consenso por parte dos governantes locais e dos empreendedores da importância do turismo e de seu potencial no desenvolvimento da localidade, o que conduz a um total desprezo até de eventuais grupos que possam se constituir para fazer reivindicações.

Tal quadro deixa o profissional de “mãos atadas”, impossibilitando que ele viabilize a maioria dos projetos que dependem da efetivação de outros projetos atrelados ao desenvolvimento social e que permanecem estagnados.

Na verdade, a atuação do profissional de turismo é insignificante diante da atuação de outros profissionais que têm toda condição de promover a melhoria das condições de vida da população.

1.2.5 Os governantes não possuem capacidade para administrar o turismo

Os relatos são de sucessivas gestões fracassadas em estados e municípios do Nordeste. Falta competência aos políticos que assumem secretarias e não possuem conhecimento do que seja, de fato, o turismo. Eles realizam ações sem planejamento, sem a mínima noção dos prejuízos que as mesmas podem ocasionar.

Muitos desses secretários incapazes sentem-se ameaçados justamente por não possuírem conhecimentos da área e não se cercam de profissionais capacitados, que poderiam auxiliá-los. Eles consideram que o turismo é um fenômeno simples, que consiste em transformar locais em rotas turísticas ou não e fornecer incentivos fiscais para construir complexos de hotéis.

1.2.6 O bacharel em Turismo não está preparado para enfrentar a realidade do Turismo

O bacharel em Turismo não está preparado para lidar com a problemática que envolve o turismo na sociedade. Ele entra na faculdade achando que turismo é coisa simples e a cada ano que passa ele entende um pouco mais da dificuldade que envolve o cotidiano de um profissional.

A formação é muito generalista. Falta a experiência dos projetos práticos, espaço para discutir casos reais. O tempo todo no curso, o turismo é apresentado como um campo de estudo interdisciplinar que culmina em uma prática que vai exigir uma equipe multidisciplinar. Essa prática seria de grande valor, mas não existe. No Nordeste, é raríssimo encontrar equipes multidisciplinares, principalmente atuando em gestão pública. Quando o profissional trabalha, trabalha absolutamente só e tem de dominar conhecimentos sobre as diferentes áreas que envolvem o turismo.

A maior parte dos professores não vem da área e fica difícil trocar experiências com quem não atua, não tem a vivência ou transmite apenas o que leu nos livros. A universidade ensina um discurso muito bonito: planejamento estratégico, desenvolvimento social sustentável, responsabilidade social, ética, entre outros, mas a prática é de muita injustiça social, muita fome e negação de cidadania.

1.2.7 A maioria dos empreendedores na área de turismo não atua com responsabilidade social

Os empreendedores na área de turismo não se preocupam com as comunidades locais, com os prejuízos que vão causar ao meio ambiente e são apoiados pela ausência de políticas públicas comprometidas com a melhoria da qualidade de vida da população.

Tudo que interessa é o enriquecimento pessoal. As pessoas do local são expulsas pela especulação imobiliária. Elas não conseguem conviver com o aumento dos preços nas regiões onde o turismo se desenvolve, com as drogas, a prostituição, exploração de menores e demais conseqüências que o turismo sem planejamento pode ocasionar.

A idéia de responsabilidade social ainda não chegou ao universo dos empreendedores em turismo, com exceção de algumas grandes redes internacionais. Eles não têm o conhecimento nem mesmo da possibilidade de atrelar o *marketing* social a projetos de responsabilidade social.

1.3 Considerações preliminares sobre o discurso do turismo sustentável

Seria necessário que a universidade, deixando de lado por um momento a obsessão analítica e fragmentária, patrocinasse um amplo debate interdisciplinar sobre estas duas questões: Para onde vai o barco? Para onde queremos que o barco vá?(...) Uma vez tomada a decisão, e somente então, faz sentido suar no remo. Antes disso, seremos apenas sonâmbulos que não sabem o que fazem.

(ALVES, 2000, p. 123)

A partir da síntese da análise dos discursos dos bacharéis em Turismo é possível perceber a complexidade que envolve o trabalho na área em um cenário como o do Nordeste brasileiro, em que as gestões de governo se sustentam ainda, muitas vezes, em relações clientelistas, onde prevalece o nepotismo, a população apresenta uma elevada taxa de analfabetismo, as necessidades básicas permanecem insatisfeitas e a participação popular é difícil de emergir.

Torna-se necessária uma primeira observação referente à forma como os entrevistados atrelam o conceito de turismo sustentável à preservação de belezas naturais e revelam que essas belezas são fatores determinantes na promoção do desenvolvimento. Trata-se de um discurso comprometido com o senso comum.

Para Lemos (2000), a oferta turística é composta pelos recursos naturais, mas também pela infra-estrutura geral e específica. O autor ressalta que a verdadeira base de produção do turismo são os recursos humanos, como fator diferencial da qualificação e da operacionalização do produto turístico. A natureza, obviamente já pronta, agrega-se à elaboração oriunda do trabalho humano. Logo, preservá-la, apenas, não consiste em promover o desenvolvimento do turismo.

O aproveitamento da mão-de-obra local, o que vem sendo considerado um dos principais indicadores do turismo sustentável, é apontado pelos entrevistados como uma grande falácia, uma vez que a maioria da população não apresenta condições de escolaridade e nem o hábito de realizar determinadas práticas de trabalho, apresentando dificuldades em aprendê-las.

Os gestores dos empreendimentos turísticos são trazidos de fora e muitas vezes demitidos diante da possibilidade de se contratar a mão-de-obra local por

um valor bastante inferior. Não há uma preocupação com a qualidade da mão-de-obra, mas sempre com os custos da mesma.

Os empreendedores em turismo não se preocupam com a preservação ambiental, e muito menos com o bem-estar da população local. O objetivo primordial é o lucro e o retorno rápido do investimento. Esses empreendedores dificilmente compreendem a peculiaridades das comunidades locais e as interferências que os empreendimentos turísticos podem ocasionar. Da mesma forma, os projetos de responsabilidade social são vistos como gastos desnecessários, e não há, nem mesmo, uma consciência da importância do *marketing* social.

Mas o que é muito ressaltado em meio a esses problemas é o amadorismo com que a atividade é exercida e o descaso com o bacharel em Turismo, que investiu na formação profissional, e cuja inserção no mercado de trabalho e a própria auto-estima são extremamente prejudicadas. Sobre essa questão, afirma Ouriques (2005, p. 132-133):

Como setor específico de exploração da força de trabalho, o turismo vem se constituindo, em escala planetária e no Brasil, em particular, como um dos laboratórios da ofensiva global capitalista. Condições de trabalho precárias, jornadas de trabalho extensas, baixas remunerações, contratos temporários, maior incidência de relações de trabalho à margem da legislação, quase ausência de sindicatos e uso preponderante de mulheres, jovens e crianças. É esse o pano de fundo das relações sociais de exploração do turismo no centro e, principalmente, na periferia do capitalismo contemporâneo.

O cenário que esses entrevistados retratam é o pior possível. Um país cujo Plano Nacional de Turismo adota a prática do planejamento participativo tem os seus principais supostos executores, que se habilitaram justamente para desenvolvê-lo, descrentes da metodologia que o estrutura. É importante observar que os próprios bacharéis em Turismo se revelam incapazes de ser os atores de um planejamento participativo, alegando, entre outras coisas, que apresentam pouco envolvimento com a política.

Há um descrédito com as sucessivas gestões públicas em turismo, que não apresentam resultados efetivos e, na maioria das vezes, nem propostas. O que emerge nos discursos é a desilusão ocasionada pelo não reconhecimento da neces-

cidade de preparo para o exercício da profissão e da constituição de uma assessoria na gestão que compreenda a complexidade do fenômeno turístico. Esse amadorismo no exercício da gestão pública é abordado também por Yazigi (2003, p. 61):

Para a maioria dos prefeitos no Brasil, o turismo assemelha-se à fada madrinha, que de repente transforma a abóbora em carruagem. Eles pretendem ser seus tutores, mas de pronto percebem que a magia não é possível.

A visão de política dos entrevistados denuncia o que se poderia denominar ausência de cidadania. A política não é vista como um campo de atuação para a possibilidade de transformações sociais, mas como o campo da corrupção, da falcatrua, como um negócio próprio que não apresenta vínculos com o bem-estar da maioria. Os depoimentos revelam que a educação que esses entrevistados receberam e suas experiências de vida em momento algum os estimularam para a vocação política.

Eles reconhecem a impotência do turismo diante das políticas públicas que lhe atribuem uma importância secundária ou nenhuma importância. Reconhecem também que aprenderam um discurso que em nada corresponde à prática, e que a idéia de turismo sustentável é um grande mito.

A universidade carece de um comprometimento maior com a realidade. Ela ensina tudo sobre turismo sustentável, mas pouco sobre a configuração real do turismo. Há uma desconexão total entre o conhecimento e a prática, entre saber e poder. Nas palavras de uma entrevistada: “Sei tudo sobre turismo sustentável, mas isso não torna o mundo melhor”.

É angustiante o sentimento de impotência diante de práticas depredatórias, prejudiciais ao meio ambiente, às comunidades locais. Dos 26 entrevistados, apenas sete pretendem fazer um futuro profissional na área, os demais seguem à procura de novos caminhos, de preferência caminhos que levem a um reconhecimento socioeconômico.

Em um país em que é tão difícil chegar à universidade, tão carente de mão-de-obra qualificada, os bacharéis em Turismo vão abandonar a profissão. Penso que não há cenário melhor do que o apresentado para a reflexão de como o turismo tem se revelado insustentável.

Referências

- ALVES, Rubem. *Conversas com quem gosta de ensinar*. Campinas: Papirus, 2000.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DOS BACHARÉIS EM TURISMO – ABBTUR. *Código de ética*. Disponível em: <www.abbtur.com.br>. Acesso em: 6 jun. 2005.
- BENI, Mario Carlos. Como certificar o Turismo Sustentável. *Revista Espaço Acadêmico*, n. 37, jun. 2004. Disponível em: <www.espacoacademico.com.br>. Acesso em: 8 jun. 2005.
- COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO – CMMAD. *Nosso futuro comum*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1991.
- DENCKER, Ada de Freitas Maneti. A abordagem científica em hospitalidade. In: DENCKER, Ada; BUENO, Marielys Siqueira. *Hospitalidade, cenários e oportunidades*. São Paulo: Thompson, 2004.
- JODELET, Denis. Représentations sociales: un domaine en expansion. In: JODELET, Denis. (org.). *Des représentations sociales*. Paris: PUF, 1989.
- LEFÈVRE, Fernando; LEFÈVRE, Ana Maria Cavalcanti. *O discurso do sujeito coletivo: um novo enfoque em pesquisa qualitativa*. Caxias do Sul: EDUCS, 2003. (Desdobramentos).
- LEFÈVRE, Fernando; LEFÈVRE, Ana Maria Cavalcanti; TEIXEIRA, Jorge Luis Vieira. *O discurso do sujeito coletivo: uma nova abordagem metodológica em pesquisa qualitativa*. Caxias do Sul: EDUCS, 2000.
- LEMOES, Leandro Antonio de. Os sete mitos do turismo. In: GASTAL, Suzana. *Turismo: 9 propostas para um saber fazer*. Porto alegre: EDIPUCRS, 2000.
- LEU, Walter. Organismos nacionais de turismo. In: LOCWOOD; MEDLIK (Org.). *Turismo e hospitalidade no século XXI*. Barueri: Manole, 2003.
- MINAYO, Maria Cecília. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec/Abrasco, 2000.
- MORIN, Edgar. Estarnos en un Titanic? In: *Ética y Desarrollo, la relación marginada*. Buenos Aires: El Ateneo, 2002.
- OURIQUES, Helton Ricardo. *A produção do turismo: fetichismo e dependência*. São Paulo: Aline, 2005.
- SÁTIRO, Angélica. O pensamento complexo de Edgar Morin e sua ecologia da ação (Entrevista com Edgar Morin), Universidade de Girona, Espanha, 2003. Disponível em: <www.edgarmorin.sescsp.org.br>. Acesso em: 12 jun. 2005.

RAMOS, Silvana Pirillo. Ensaio breve sobre um Turismo Insustentável.
Revista Hospitalidade, São Paulo, ano 2, n. 2, p. 69-86, 2. sem. 2005.

SOARES DO BEM, Arim. *A dialética do turismo sexual*. São Paulo: Papirus, 2005.

WORLD TOURISM ORGANIZATION – WTO. *Indicators for the Sustainable Management of Tourism*: Report of the Committee World Tourism Organization. World Tourism Organization. Madri. 1993.

XAVIER, Herbe. Incorporação da dimensão social na formação profissional do Turismo. In: BAHL, Miguel. *Turismo com responsabilidade social*. São Paulo: Roca, 2003.

YÁZIGI, Eduardo. *Turismo: uma esperança condicional*. São Paulo: Global, 2003.